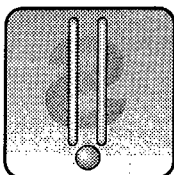


Congelamento, o maior temor das empresas no curto prazo

LÉA CRISTINA

Nem elevação das taxas de juros ou disparada do dólar. Quinze entre 21 representantes de entidades empresariais do país temem um congelamento de preços, revela enquête feita pelo GLOBO esta semana, em função do troca-troca no Ministério da Fazenda. Outra preocupação que merece destaque é a inércia das autoridades federais. E apesar de o presidente Itamar Franco insistir em afirmar que quem manda na economia do país é ele e apesar da classe preconizar um mercado livre, a maioria dos entrevistados diz que o papel do ministro da Fazenda é fundamental para a estabilização.



A maior parte acha que a mudança na equipe econômica deixa prejudicada ou crítica a credibilidade do Brasil no mercado financeiro internacional. Opina que deveria ser alto o grau de participação dos políticos na solução da crise. Não vê salvação para a economia neste semestre e afirma que as reivindicações salariais, em função da recessão, não causam pressões sobre os preços. Não há consenso em relação à inflação: para alguns, é ascendente, para outros, estável — neste caso, não sofreria maiores consequências com a mudança no Ministério.

O presidente da Associação dos Supermercados do Estado do

Rio (Asserj), Aylton Fornari, resume o que a maioria dos empresários pensa a respeito de um congelamento: ele diz que, no quadro atual, um medida como esta "seria desastrosa, porque desorganizaria totalmente a economia, o que aliás já aconteceu em passado recente". Marcel Telles, presidente do Sindicato Nacional das Cervejas, teme mesmo é a inércia das autoridades. E o congelamento não traria problemas para as empresas?

— As empresas já aprenderam a se defender e até a ganhar com o congelamento. Quem tem mais a perder é o povo — sustenta Marcel.

Outros empresários consultados pelo GLOBO, além dos já citados, foram o senador Albano Franco (presidente da CNI); Arthur João Donato (Firjan); Antonio Oliveira Santos (CNC); Edmundo Klotz (Abia); Hélio Mattar, coordenador-geral do PNBE; Sérgio Magalhães (Abimaq); Luiz Fernando Furlan (Abrasca); Boris Tabacof (Abecel); José Midlin, diretor da Fiesp; José João Locoselli (Abipla); José Eduardo Bandeira de Mello (Abifarma); Joseph Coury (Simp); Levy Nogueira (Abrasa); Carlos Fernando Gross (Sindicato das Indústrias Farmacêuticas do Estado do Rio); Marcus Vinícius Pratini de Moraes (AEB); Orlando Diniz (Sindicarnes); Odilon Lacerda (Sindicato do Comércio Varejista de Combustíveis do Rio); Celso Hahne (Abiplast) e Abram Szajman (Fiesp).

Participou Lázio Varga

Editoria de Arte

O resultado da enquête

1) Em que grau a economia depende, hoje, do ministro da Fazenda?

a) alto	15
b) baixo	4
c) quase nada	2

2) O que o senhor mais teme no atual quadro econômico?*

a) congelamento	15
b) mais alta na taxa de juros	1
c) disparada do dólar	1
d) onda de greves	—
e) inércia das autoridades federais	7

3) O grau de participação dos políticos na solução da crise deve ser:

a) alto	19
b) baixo	1
c) quase nenhum	1

4) A credibilidade do Brasil no mercado financeiro internacional fica agora:

a) inalterada	3
b) prejudicada	10
c) piorada	8

*Três entrevistados fizeram mais de uma escolha